
O REINO ENCANTADO: DIÁLOGOS ENTRE POÉTICA GÓTICA, IMPRENSA E CIÊNCIA NO BRASIL OITOCENTISTA

Hélder Brinate Castro¹

RESUMO: Ao contrário do que a crítica e a historiografia literárias dos séculos XIX e XX nos levam a supor, o Gótico faz-se presente na literatura brasileira. Estudos recentes vêm demonstrando que a prosa regionalista desponta como uma ramificação mais desenvolvida da literatura de terror, horror e suspense no Brasil, principalmente devido à tematização de crenças e lendas de uma população isolada. Dessa forma, narrativas que ficcionalizam movimentos messiânicos emergem como possíveis exemplos de como o Gótico manifestou-se nas Letras brasileiras. Para compreender as relações entre a poética gótica e a ficcionalização de messianismos na literatura brasileira oitocentista, o romance *O Reino Encantado: crônica sebastianista* (1878), de Tristão de Alencar Araripe Júnior, será tomado como objeto de estudo deste trabalho. Investigar-se-ão, pois, as estratégias narrativas e formais das quais o escritor se serviu para suscitar o medo como efeito estético ao tematizar o movimento messiânico de Pedra do Reino. Ademais, com o objetivo de perquirir prováveis ligações entre o espírito da época e a poética gótica, propõe-se estudar, por meio de análises de tratados antropológicos que versem sobre fanatismos religiosos e de jornais publicados à ocasião do movimento, como a manifestação sociorreligiosa de Pedra Bonita foi recebida e interpretada pelo século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Poética gótica; Literatura brasileira; Regionalismo; Movimento messiânico.

ABSTRACT: Despite of what Brazilian literary criticism and historiography of 19th and 20th centuries declare, Gothic can be found at Brazilian literature. Recent studies have shown that regionalist fiction is one of the most developed proeses in Brazilian terror, horror and thriller literature since that composing often describes beliefs and legends of an isolated population. Therefore, narratives that fictionalize messianic movements can lead us to understand Gothic influences on Brazilian literature. This article aims to investigate possible relations between the Gothic poetics and the fictionalization of messianisms in the novel *O Reino Encantado: crônica sebastianista* (1878), by Tristão de Alencar Araripe Júnior. We also intend to analyze which narrative and formal techniques the author has used to arouse fear as an aesthetic effect while he narrates the Pedra do Reino messianic movement. Furthermore, we seek to study anthropological enquiries about religious fanaticism and newspapers printed when the messianic movement happened, objecting to examine probable links between the intellectual spirit of that time and the Gothic poetics.

KEYWORDS: Gothic poetics; Brazilian literature; Regionalism; Messianic movement.

Considerações iniciais

O termo “gótico” possui significações bastante fugidias, refletindo sua notável capacidade de adaptar-se a contextos vários (cf. BOTTING, 1996; PUNTER, 1996; STEVENS, 2000; GROOM, 2012). Uma rápida consulta a dicionários ilustra a situação. Entre os distintos

¹Hélder Brinate Castro é mestrando em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e integra os seguintes grupos de pesquisa reconhecidos pelo CNPq: “Estudos do Gótico”; “Vertentes do Fantástico na Literatura”; e “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”.

E-mail para contato: helderbrinate@yahoo.com.br.

significados, quatro, ao menos, despontam como principais: (i) um adjetivo pátrio referente a uma das tribos germânicas responsáveis pelo declínio do Império Romano, os Godos; (ii) um termo renascentista empregado para nomear o estilo arquitetônico medieval, considerado “bárbaro”, sem refinamento, em oposição à arte clássica; (iii) o grupo de romances e narrativas britânicas escritas entre 1764 e 1820, caracterizado pela produção de terror e/ou horror como efeito de recepção; e (iv) uma subcultura da arte e da moda contemporâneas identificada pelo apreço às temáticas da melancolia, do terror e da morte (cf. GEIGER, 2011, p. 719; NEIVA, 2013, p. 252).

A extensa e intrincada história do vocábulo “gótico” parece frustrar qualquer tentativa de conciliar seus conceitos mais restritos com seus sentidos mais amplos. David Stevens (2000, p. 31) afirma, porém, ser necessário buscar um equilíbrio entre os significados mais abrangentes e os mais delimitados. Para tal, deve-se compreender o Gótico menos como um movimento artístico restrito a locais e momentos históricos específicos, e mais como uma disposição do espírito moderno que alterou significativamente os modos de pensar, sentir e expressar a arte na modernidade. O Gótico mostra-se, pois, como um fenômeno transcultural, caracterizado por uma visão de mundo negativa e desiludida com a realidade.

A partir dessa última perspectiva, estudos recentes no âmbito da literatura brasileira vêm demonstrando que nossa produção ficcional, diferente do que evidenciam os estudos literários dos séculos XIX e XX, apresenta influxos da poética gótica, muitas vezes incompreendidos e menosprezados pela crítica nacional. A obra de Álvares de Azevedo constitui exemplo fulcral: Jefferson Donizeti de Oliveira (2010, p. 16-17) salienta que *Macário* (1852) e *Noite na taverna* (1855), ao tematizarem crimes e transgressões sociais, suscitando medo e repulsa nos leitores, foram considerados imorais e fantasiosos, o que contribuiu para seu desprestígio no meio intelectual.

Maurício César Menon (2007) averigua que, além de Azevedo, autores considerados naturalistas, regionalistas ou decadentes, como Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Afonso Arinos, Coelho Neto, entre outros, se utilizaram, em suas narrativas, de *topoi* comuns à poética gótica: seja a presença de vilões monstruosos, a tematização de eventos sobrenaturais ou ainda a construção de ambientes sombrios e arruinados. Julio França (2017) elenca, por sua vez, uma série de pontos de contato entre a literatura brasileira e a poética gótica: das origens do nosso romance, passando pela literatura de sensação e pelos regionalismos, o pesquisador constata figurações góticas ao longo de nossa prosa ficcional no período que compreende meados do século XIX às primeiras décadas do XX.

As pesquisas empreendidas não se aprofundam, no entanto, nas relações entre as crenças e as superstições brasileiras – amplamente tematizadas por nossas obras regionalistas – e o Gótico, que se notabilizou por explorar as consequências negativas dos exageros da fé e da religião. Na tradição gótica setecentista, figuras religiosas, como monges, freiras e padres, servem tanto como proteção quanto como ameaça aos protagonistas dos romances. As narrativas, ademais, ambientam-se, muitas vezes, em mosteiros, igrejas ou conventos, que assumem geralmente a função de cárcere. Em *The Monk* (1796), de Matthew Gregory Lewis, a exemplo, a abadessa Agatha, uma das vilãs do livro, supostamente para manter a ordem e a honra da instituição que coordena, encarcera e tortura Agnes, a jovem freira que engravida. Se no romance de Lewis, as atrocidades decorrem da religião católica, em *Wieland* (1798), do escritor estadunidense Charles Brockden Brown, o enredo aterrorizante constrói-se principalmente a partir do embate entre o fanatismo religioso de bases calvinistas e a razão. Enquanto Theodore Wieland e seu pai movem-se pela crença exacerbada em Deus, o que ocasiona a morte de ambos, a educação recebida por Wieland filho e sua irmã Clara pauta-se em preceitos científicos, literários e filosóficos. Henry Pleyel, amigo dos irmãos, compartilhando desses princípios, simboliza a racionalidade ao contestar as explicações sobrenaturais dadas por Theodore aos estranhos eventos que ocorrem ao longo da narrativa.

Traçando um paralelo, determinadas obras regionalistas da literatura brasileira, sobretudo aquelas que se desenvolvem em torno de costumes e crenças religiosas, apresentam *topoi* góticos, em que o narrador, não raras vezes, dá vida a personagens e ambientações exóticas e pitorescas, contrapondo o supersticioso homem interiorano ao homem citadino das letras e da ciência. Nesse contexto, é de se esperar que a ficcionalização de movimentos messiânicos, marcados por episódios de extrema violência, atribua características sombrias, fúnebres e grotescas a ritos e rituais de bases socioreligiosas, pintando, assim, um típico quadro das narrativas góticas. É o que se verifica em alguns escritos regionalistas da segunda metade do século XIX, como o romance *O Reino Encantado: crônica sebastianista* (1878), de Tristão de Alencar Araripe Júnior, narrativa relegada ao ostracismo literário.

Figurações da poética gótica na literatura brasileira

O romance gótico, inaugurado com a publicação de *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole, caracteriza-se por ser uma escrita desencantada e pessimista em relação a seu contexto sociocultural, em que se manifestam eventos violentos e insólitos. Na obra de Sir. Walpole, a exemplo, Manfred, senhor de Otranto, teme que a intrigante morte de seu doentio

filho sinalize o princípio de uma antiga profecia – de que o castelo e o título deixariam de pertencer a sua família quando da maioridade do verdadeiro herdeiro. Devido a tais circunstâncias, ele toma medidas drásticas para gerar um novo sucessor, passando a perseguir Isabella, a noiva de seu filho morto, a fim de evitar a destruição de sua linhagem e o cumprimento do presságio. Os excessos da narrativa do romancista inglês não constituem, porém, caso individual. Durante o período de 1764 a 1820, o mais homogêneo da literatura gótica (cf. PUNTER, 1996, p. 7), produziu-se uma ficção popular associada a uma visão sombria e decadente da vida, em que escritores como Ann Radcliffe, Mary Shelley e Matthew Lewis deixaram sua marca. A poética gótica não se limitou, todavia, a essa periodização, influenciando escritores de séculos posteriores e de outras partes do mundo.

No século XIX, o Gótico continuou a reproduzir seus *topoi*: em diversas narrativas, abundam casas e castelos em ruínas, florestas tenebrosas habitadas por vilões, monstros e espectros, onde ocorrem incidentes misteriosos e/ou sobrenaturais. No término dos Oitocentos, autores consagrados, como Robert Stevenson, com *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), e Bram Stoker, com *Dracula* (1897), evidenciaram os horrores dos avanços científicos. Já no século posterior, como apontam Fred Botting (1996) e Nick Groom (2012), essa tendência espalhou-se por diversos meios artísticos – a música, o cinema e os *graphic novels* –, tendo sempre grande apelo popular e se adaptando às realidades da época. O Gótico configura-se, pois, como uma faceta desiludida da natureza humana que transpassa múltiplas manifestações culturais e estabelece-se, no campo da arte, como uma estética negativa. Para Botting,

[o] Gótico condensa muitas ameaças percebidas aos valores iluministas e humanistas, ameaças associadas a forças sobrenaturais e naturais, a excessos e delírios imaginários, a males religiosos e humanos, a transgressões sociais, a desintegrações mentais e a corrupções espirituais. Caso não seja puramente negativa, a escrita gótica continua fascinada por objetos e práticas que são construídos como negativos, irracionais, imorais e fantásticos. (...). Os excessos góticos, não obstante o fascínio com a transgressão e a ansiedade sobre os limites culturais, continuam a produzir emoções e significados ambivalentes em seus contos de trevas, desejo e poder (BOTTING, 1996, p. 1. Tradução minha).

Ao exporem um mundo de antirracionalidade, de paixões humanas e de crueldade, as narrativas góticas, por meio de estratégias que evocam terror, horror e sublime, têm oferecido, a seus leitores, a experiência do medo como prazer estético. Entre essas estratégias, Stevens (2000, p. 46-47) distingue o fascínio obsessivo pelo passado; o gosto por locais exóticos; a transformação do ambiente doméstico em *loci horribiles*; a atração por alteridades,

excentricidades, pelo sobrenatural e pelo sublime; o enfoque na psicologia “pervertida” das personagens, sobretudo no que tange a questões sexuais; e a produção do horror, do terror e da repulsa como efeito de recepção.

Se, na Europa e nos Estados Unidos, a literatura encontrou, nos *topoi* góticos, formas de representar os medos de seus habitantes, é de se supor que, no Brasil, cuja literatura é fruto da modernidade, tenha ocorrido processo semelhante. Uma análise das críticas e historiografias literárias brasileiras dos séculos XIX e XX revela, contudo, poucas associações entre a literatura do nosso país e o Gótico. Os motivos dessa ausência de relação não se dão pela inexistência de obras que explorem atmosferas lúgubres e ambientes decadentes, onde crimes e transgressões sociais ocorrem. França (2017, p. 20-21) identifica um complexo de causas e fatores para o “apagamento” da poética gótica nas Letras nacionais, entre os quais se destacam a preferência de nossos estudos literários por temas realistas e explicitamente relacionados à identidade nacional, o pouco interesse da crítica por obras de cunho popular e a inexistência de uma produção sistemática de narrativas góticas em nossa literatura. A recepção de *Noite da Taverna*, de Álvares de Azevedo, constitui caso exemplar: a predominância de análises biografistas, psicológicas e pseudopsicanalíticas, que se voltaram para o homem Álvares e não para a obra, associaram os elementos góticos de sua escrita a sua personalidade melancólica. Além disso, acusou-se o autor de uma suposta alienação quanto aos temas da realidade brasileira. Somente a partir de 1931, com o ensaio “A originalidade de Álvares de Azevedo”, de Afrânio Peixoto, utilizou-se o termo “gótico” para se referir à obra do escritor romântico, sendo ainda afiliado a nomes como Hoffmann e Byron.

O episódio envolvendo o autor de *Macário* não configura evento exclusivo. É o que evidenciam os trabalhos empreendidos por diversos pesquisadores contemporâneos. Sandra Vasconcelos (2012) e Daniel Sá (2010) têm explorado a influência da poética gótica no Romantismo brasileiro, enquanto Alexander Meireles (2008) e Fernando de Barros (2014) demonstram que tal influxo se estende, pelo menos, até meados do século XX – seja na *Belle Époque* ou no romance introspectivo. Mesmo o Naturalismo não escapou dessa influência, como indicam os trabalhos de Maurício Menon (2007) e os de Marina Sena (2017).

Julio França (2017, p. 31-34) constata ainda seis pontos de contato entre a poética gótica e as Letras brasileiras. Conforme o pesquisador, as origens do romance no Brasil podem ter recebido influências do Gótico, uma vez que estudos como de Vasconcelos (2012) revelam ter havido grande circulação de romances ingleses no território brasileiro do início do século XIX. O Naturalismo constitui outra peça importante para compreender a manifestação da poética gótica no país. A interpretação das teorias de seleção natural de Charles Darwin e do

determinismo social de Hippolyte Taine proporcionou, por nossos escritores naturalistas, a criação de personagens que foram descritas como monstruosidades. Por outro lado, inspirados pela literatura decadente, que, como o Gótico, desvela um desencanto com a modernidade e uma recusa às tendências realistas, alguns de nossos autores tematizaram as perversões humanas, que culminam, não raro, na loucura, na degradação moral e na morte. Além disso, fronteira entre o jornalismo e a ficção, a literatura de crime brasileira conserva também elos com a poética gótica, cuja origem remonta ao nascimento dos romances policiais e das narrativas detetivescas. Os romances de sensação, imbricados entre as narrativas góticas e a ficção de crime, ao explorarem dramas repletos de mortes violentas, delitos aterrorizantes e eventos imprevisíveis, revelam, por sua vez, os excessos tão caros ao Gótico. Por fim, França afirma que a tradição regionalista se demonstra profícua à poética gótica. Em suas vertentes fantásticas e realistas, alguns de nossos autores utilizaram-se de recursos góticos para expressar o terror do imaginário popular e o horror da seca, da fome e da violência no sertão.

Barros (2014) também indica afinidades entre a poética gótica e a nossa prosa cujo enredo se desenvolve em locais interioranos. Ao estudar *Casa-grande e senzala* (1933), de Gilberto Freyre, *A menina morta* (1954), de Cornélio Penna, e *Crônica da casa assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso, o pesquisador observa características do *Southern Gothic*, uma subcategoria do *American Gothic*, cujas histórias possuem como pano de fundo principal o antigo *ethos* senhorial e escravocrata do sul dos Estados Unidos (cf. ELLIS, 2013, p. xx), em que as casas-grandes arruinadas ecoam a natureza decaída de seus habitantes. A poética gótica, na literatura brasileira, manifesta-se, assim, de forma semelhante: apresenta o legado fantasmagórico e violento de uma sociedade alicerçada no sistema rural e escravocrata, constituindo o que Barros denomina *Brazilian Gothic*.

França e Barros compartilham, pois, do consenso quanto à presença da poética gótica em narrativas ambientadas nos sertões e nos ambientes rurais brasileiros. Menon, analisando o período entre 1843 e 1932, aventa ainda que,

(...) ao [se] tratar do regionalismo, do sertanismo ou das correntes a eles ligadas, há um maior destaque, por parte dos estudiosos, nos temas aqui trabalhados [o Gótico]. Seria esta uma ramificação mais desenvolvida da literatura de terror/horror, suspense e mistério no Brasil? A julgar pela literatura do gênero desenvolvida na Europa, alimentada nas raízes dos contos populares, no cristianismo e na mitologia bárbara, há de se pensar que sim (MENON, 2007, p. 82).

Constata-se, portanto, que obras regionalistas/sertanistas, ao tematizarem casos populares, misticismos e crenças de uma população caracterizada pelo sincretismo religioso,

podem conter traços da literatura gótica, sobretudo da que explora eventos sobrenaturais, sejam eles explicados ou não. A essa reunião de distintas heranças culturais – as tradições nativas, com seus mitos e costumes; os folclores e lendas europeus; e os rituais africanos e seu panteão de entidades da natureza –, somam-se o isolamento das regiões rurais e, por conseguinte, o alheamento quanto a explicações científicas que se desenvolviam no litoral brasileiro da segunda metade do século XIX e dos princípios do XX. Os regionalismos brasileiros não apenas abordaram temas ligados ao terror, horror ou suspense, mas, muitas vezes, fizeram dessas temáticas a matéria essencial de algumas de suas narrativas (cf. CASTRO, 2017). O clima lúgubre e sombrio, propício ao desenrolar de tramas góticas, não se restringe, pois, às ambientações europeias e estadunidenses, mas está também presente no Brasil, seja na mata fechada, nos pampas gaúchos ou na vegetação que exausta sob o sol do sertão nordestino.

Da mata fechada, fornecem exemplos os *Contos amazônicos* (1893), de Inglês de Sousa, e *Sertão* (1896), de Coelho Neto. Em ambas as coletâneas, sobejam contos que se desenvolvem em torno do medo do sobrenatural, de feitiçarias e de lendas que habitam as florestas (cf. CASTRO, 2017). Dos pampas gaúchos, encontram-se as narrativas de João Simões de Lopes Neto, que “[n]os *Contos gauchescos* [1912] tratou dos homens e dos bichos, nas *Lendas do Sul* [1913] de fantasmas e duendes, estilizando lendas populares sem lhes crestar a frescura” (PEREIRA, 1988, p. 219). Da caatinga nordestina, além do sofrimento causado pela seca e pela fome, tematizado, a exemplo, por Rodolfo Teófilo em *A fome* (1890), vislumbram-se beatos e seu séquito, que, em *O Reino Encantado* (1878), de Araripe Júnior, encenam rituais e lutas funestas em nome da fé.

A poética gótica n’*O Reino Encantado*

Os movimentos messiânicos constituem uma temática recorrente na tradição regionalista da literatura brasileira dos séculos XIX e XX: entre o período, publicaram-se, a exemplo, *O Ermitão de Muquém* (1869), de Bernardo Guimarães, *O Reino Encantado: crônica sebastianista* (1878), de Araripe Júnior, *Os Jagunços: novela sertaneja* (1898), de Olívio de Barros, pseudônimo de Afonso Arinos, *O Rei dos Jagunços* (1899), de Manoel Benício, *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), ambos de José Lins do Rego, e *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971), de Ariano Suassuna. José Aderaldo Castello é um dos críticos que reconhece o messianismo e o fanatismo como um dos ciclos da literatura regional. Para ele, “[d]esde o século XIX, messianismo e fanatismo, à semelhança do cangaço e do fenômeno da seca, vêm inspirando a

narrativa ficcional” (CASTELLO, 1999, p. 434). Os estudos literários dedicados a esse tema restringem-se, muitas vezes, a fins sociológicos e antropológicos, como demonstram as pesquisas de Marilene Weinhardt (1990) e de Edna da Silva Polese (2014), relegando, a segundo plano, a investigação de técnicas narrativas que visam à produção de efeitos estéticos, como o terror e a repulsa. As análises dos recorrentes eventos sobrenaturais e das descrições lúgubres dos rituais místico-religiosos e das batalhas virulentas presentes nas obras não costumam, pois, apreender o seu potencial estético e sua relação com a poética gótica.

Com o intuito de lançar luzes sobre essa relação, o estudo do romance *O Reino Encantado: crônica sebastianista*, de Araripe Júnior, figura como estratégia relevante, uma vez que a narrativa está entre as primeiras obras ficcionais a tematizarem um dos movimentos messiânicos brasileiros, servindo como pedra angular para produções posteriores – Euclides da Cunha, a exemplo, menciona o romance de Araripe Júnior em sua *Magnum opus*. Para tal, na esteira das teorias a respeito do Gótico literário e na das investigações que avaliam os influxos da poética gótica na literatura brasileira, como as explicitadas anteriormente, almeja-se aferir não apenas as relações entre o Gótico e o livro do aclamado crítico literário, mas também a forma como as interpretações oitocentistas do movimento messiânico tematizado pela obra, o de Pedra do Reino, pode ter contribuído para o emprego de estratégias narrativas góticas em sua ficcionalização.

Imerso nas declarações depreciativas da imprensa sobre o fenômeno de Pedra Bonita e nas teorias deterministas da ciência do século XIX, o narrador d’*O Reino Encantado* encontrou, na poética gótica, o meio ideal para narrar os tétricos e violentos acontecimentos decorrentes do messianismo. Não são raras as passagens da narrativa em que se acentuam o aspecto sacrílego dos rituais sebásticos perante a religião oficial, o catolicismo, e a truculência dos embates entre os seguidores da seita e os representantes do governo. Os sebastianistas são transformados, dessa forma, nos inimigos da Igreja, do Império e dos senhores de terra. Estabelece-se, assim, uma dicotomia pautada essencialmente em diferenças religiosas, étnicas e econômicas, compondo-se dois núcleos de personagens: um senhorial, formado por católicos, brancos e membros da elite rural, e outro messianista, composto por sebastianistas, negros, escravos e trabalhadores rurais.

Além das evidentes distinções, o enfoque dado às atitudes cruéis tomadas pelos dois grupos muito se difere. As ações violentas e reprováveis do primeiro possuem descrição e narração atenuadas e encobertas, evitando evidenciar o lado obscuro e atroz da classe dominante. Caso memorável é a repreensão aos escravos infligida sob a ordem do fazendeiro Bernardo Vasconcelos. A descrição da cena ocorre de forma rápida e sem muitos detalhes – “O

castigo foi bárbaro, e por alguns minutos soou o látigo terrível acompanhado do gemido plangente dos supliciados, que ora invocavam o nome dos senhores, ora o de todos os santos da corte celestial” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 12) –, uma vez que o narrador afirma a impossibilidade de mostrar ao leitor o episódio: “O que depois passou-se não poremos ante os olhos do leitor” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 12). A Vasconcelos também desagrada assistir ao “repugnante espetáculo. Deu suas ordens ao vaqueiro e recolheu-se dentro de casa, mergulhado no mais profundo desconsolo” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 12). Ao passo que o fazendeiro ordena o flagelo, o narrador atribui-lhe sentimentos nobres, pois demonstra sua aversão à parte dos horrores inerentes ao sistema escravocrata.

Por outro lado, a atenção dada à hediondez e à atrocidade das ações praticadas pelos escravos e sebastianistas percorre todo o romance. A brutalidade da invasão coordenada à fazenda de Vasconcelos, os diversos assassinatos, ritualísticos ou não, e os rituais cabalísticos, como o batismo com sangue bovino, são descritos minuciosamente, de forma a enfatizar a perversidade dos seguidores do sebastianismo. Obliterados pela “estúpida crença” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 73) e pelo proselitismo do mandingueiro Frei Simão e do segundo chefe da seita, João Ferreira, os messianistas constituem, conforme o narrador, um perigoso ajuntamento de pessoas doentias e bárbaras que pervertem a religião do Império e ameaçam os fazendeiros locais.

Entre os membros mais nefandos do movimento, destaca-se o seu líder João Ferreira, uma vez que, ao perseguir diretamente a heroína do romance, Maria, a filha de Bernardo Vasconcelos, conferem-se-lhe algumas das convenções popularizadas pelas personagens vilãs das narrativas góticas. Semelhantes a elas, é ele um dos principais motivadores do terror e do horror da trama. Instaurando sentimento de medo, terror e horror, suas ações e o fanatismo religioso de Pedra do Reino tornam-se, pois, força motriz para a manifestação do Gótico, como se observa no seguinte excerto do livro de Araripe Júnior:

O búzio rouquenho rugia ao mesmo tempo que o chefe da cabilda se colocava com os braços abertos e o rosto inclinado para o sol na atitude de quem invocava um espírito. Novo Balaão, o rei *Santidade* caricaturava em vida a reunião dos mortos no vale de Josafá.

E em verdade os esqueletos de homens e mulheres que irromperam das choças e vieram reunir-se à troça, já estacionada junto dos rochedos acroceráunios, que os enchia de pavor e esperanças ao mesmo tempo, faziam com sua presença mortuária arrepiar os cabelos ao mais corajoso, e traria ao espírito desprevenido a ideia de que com efeito ali estava um feiticeiro a evocar das sepulturas de um cemitério as sombras dos defuntos.

Vinham essas pobres vítimas do fanatismo a cambalear com o espanto e o pesadelo pintados no semblante. Não havia sinal de vida, nem resqúicio algum de energia naqueles rostos lívidos, naqueles olhos pendurados.

Automaticamente dirigia-os a ideia que se lhes fixara no cérebro doentio, e a vista desvairada cravava-se nos imensos monólitos cujo único aspecto era bastante para mergulhá-los no pego insondável das mais extravagantes esperanças (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 78-79).

O rito místico dos sebastianistas é descrito macabra e lugubrememente, pintando um quadro apocalíptico: caracterizado como novo Balaão, personagem bíblica que instrui os inimigos de Israel a arruinar o povo de Deus, o rei Santidade, João Ferreira, parece invocar seu funesto séquito no vale do julgamento final. A cena condensa o terror presente ao longo de toda a narrativa, que, por meio da poética gótica, figura e expressa os temores da sociedade brasileira perante os seguidores da seita messiânica, qualificados de doentios e desvairados. No centro do poder da seita, o chefe sebastianista ordenava, absoluto, ações condenadas pela Igreja e pelo Estado: permitia o casamento poligâmico, desvirginava noivas, batizava novos fiéis com sangue, promovia hecatombes etc. Após uma das cenas mais violentas do romance, o sacrifício de uma fanática, vislumbram-se sua perversidade e seu gozo:

Não há palavras com que se pinte a expressão do rosto do malvado [João Ferreira] a contemplar o fruto de sua predica. Finda a aspensão elevou a cabeça inanimada à altura dos olhos, e, arregaçando os lábios num sorriso diabólico, fixou por um instante os globos outrora luzentes e agora embaciados pela morte por onde aquela infeliz menina transmitia os seus afetos.

(...)

Se é possível ter-se uma ideia do que era essa entidade sombria e vingativa que presidia a todas as preocupações do homem na Idade Média, tiveram-na os habitantes de Pedra Bonita naquela situação (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 84).

Produzindo um quadro de extremo horror quase indescritível, delinea-se o prazer sádico experimentado pelo chefe da seita ao contemplar o resultado de sua obra. Para tal, o uso de estratégias narrativas típicas da literatura gótica exerce papel fundamental. O emprego de palavras do campo semântico da hediondez – “malvado”, “morte”, “diabólico”, “entidade sombria e vingativa” – enfatiza o caráter ameaçador da personagem. Sua figura aproxima-se ainda à época medieval: como uma típica entidade maligna e sobrenatural que assombrava o homem da Idade Média, o líder do movimento amedrontava inclusive seus seguidores, o que desvela sua crueldade extrema. O vínculo ao passado medievo revela ainda seu atraso e descompasso – e, por extensão, dos demais sebastianistas – em relação à sociedade brasileira do século XIX. Além de seu sadismo e violência, a descrição física de João Ferreira enfatiza, inúmeras vezes, seu caráter letal. No episódio em que se depara com Maria, já raptada, seus olhos ameaçadores, dentes pontiagudos e cabelos desgrenhados aproximam-no novamente a um ameaçador ente sobrenatural:

(...) João Ferreira, subjugado pela vertigem afrodisíaca, achegou-se dela [Maria]. Vendo-a naquele estado de provisória tranquilidade, o intitulado rei fulminou-lhe uns olhares de tigre prestes a empolgar a presa. Nas suas pupilas havia um quer que fosse de magnético, e de prazer satânico, igual ao que sente a cobra ao formar o bote para a inocente rolinha. As narinas se adelgaram, a belfa intumescida entreabriu-se e a língua rubra titilou sobre os dentes despontados.

(...)

[Maria] [a]penas descobriu-o, saltou do leito hirta com todos os sintomas de um assombro mortal (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 73).

O acentuado desejo sexual do líder sebastianista domina-o inteiramente, conferindo-lhe caráter bestial e satânico. A associação entre características humanas e animais, em especial de animais perigosos, como o tigre e a cobra, sublinha sua figura amedrontadora, bruta e irracional. Enquanto João Ferreira assume o papel de um autêntico predador sedento, Maria, aos moldes das heroínas góticas, representa sua presa vulnerável e frágil. A reação de assombro manifestada pela menina acentua também a perversidade do fanático. O contraste entre ambas as personagens possibilita explicitar o maniqueísmo presente na obra: a luta entre o bem, a virtude – o núcleo senhorial e católico – e o mal, o vício – o núcleo escravo e sebastianista.

Além da caracterização negativa e assombrosa dos sebastianistas, o narrador descreve o local da seita como um espaço sombrio, lúgubre, inquietante e decadente, ou seja, um autêntico *locus horribilis*, um dos elementos centrais das narrativas góticas. Evocando emoções de encarceramento e poder, o *locus horribilis* situa-se em regiões isoladas, fora do alcance da lei e da autoridade civilizadas, tornando-se ambiente sem proteção contra o terror, onde a escuridão e a estrutura desordenada estimulam medo e fantasias irracionais. O espaço não é apenas, portanto, o palco em que se praticam e sofrem as atrocidades das tramas, mas também é o principal responsável pela constituição de uma atmosfera opressora e funesta. É principalmente a partir da descrição do arraial de Pedra do Reino, sob a perspectiva de Manuel Velho, feitor de Vasconcelos, que o sítio de Pedra Bonita torna-se um *locus horribilis*:

Dirigindo suas vistas para a esplanada, Manuel Velho, cujos cabelos erguiam-se sob o chapéu de couro, quase caiu agitado por uma convulsão que percorreu-lhe todo o corpo. Mil visões e avantesmas passaram-lhe pelos olhos. E o quadro não era para menos... Havia em tudo quanto o circundava um aspecto pavoroso, que crescia à proporção que se avizinhava dos rochedos. Entre estes, no fundo da tela, suspendiam-se, destacando-se do resto, duas gigantescas rochas quase iguais na altura, retas, separadas entre si por um mui pequeno interstício, que pela alvura assemelhavam-se a dois fantasmas envolvidos em amplas mortalhas. Por capricho do acaso acontecia que, ao tempo em que Manuel desembocava na esplanada, o globo prateado da lua, colocando-se por traz desses duendes de granito, cercava-os de uma espécie

de auréola diáfana, esbranquiçada, projetando a sua sombra imensa até onde estavam os nossos observadores (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 60).

Ao se deparar com o povoado, Manuel Velho apavora-se, evidenciando que até os mais destemidos feitos sertanejos horrorizam-se diante das duas pedras que, conforme os adeptos da seita, seriam as torres da catedral encantada. Aponta-se, pois, que o arraial de Pedra Bonita, considerado como um quilombo² pelo narrador, é extremamente assombroso e ameaçador à sociedade brasileira, principalmente àquela que desconhece o interior do próprio país. Para tal, o narrador, emprega vocábulos do campo da morte e do sobrenatural, descrevendo as rochas como fantasmas e duendes, cuja aparência ganha contornos mais aterrorizantes sob a luz diáfana de um luar nebuloso, o que reforça os aspectos sobrenaturais e soturnos do local. Conforma-se, assim, uma atmosfera lúgubre e tétrica, que aguça o sentimento de medo da personagem e, por extensão, do leitor, os quais se encontram diante do desconhecido reino sebastianista.

Representações do movimento messiânico de Pedra Bonita: imprensa, ciência e poética gótica

Apesar de *O Reino Encantado*, de Araripe Júnior, narrar e descrever de forma macabra o movimento de Pedra Bonita, os adeptos desse e de outros movimentos messiânicos, por crerem seguir a designação de um ser sagrado, acreditam, de forma geral, estar praticando ações benevolentes, que, de uma forma ou de outra, levariam à salvação ou ao correto desígnio. A definição de messianismo ilustra o quadro: para o filósofo e historiador estadunidense Hans Kohn (apud QUEIROZ, 2003, p. 32), essas organizações sociorreligiosas constituem-se como a “crença na vinda de um redentor que porá fim à ordem presente de coisas, universalmente ou para um só grupo, instituindo neste mundo uma nova ordem de justiça e felicidade”. Associando aspectos sociais, políticos e religiosos, o movimento messiânico nasce como reação a desgraças e injustiças sociais e afirma a esperança numa transformação positiva das condições penosas de existência. Tal mudança aconteceria por meio da subversão da ordem social vigente e seria

²Diferente da ficção, o povoado de Pedra do Reino, organizado, entre 1836 a 1838 na antiga comarca de Pajeú, Flores, não constituiu, de fato, uma comunidade quilombola. Leite (1898) e Queiroz (2003) não afirmam que as pessoas reunidas pela seita eram apenas escravos fugidos e ex-escravos. Os pesquisadores declaram, porém, que se tratava, de forma geral, de sertanejos pertencentes essencialmente às últimas camadas sociais. O fenômeno de Pedra Bonita foi, sobretudo, um movimento sociorreligioso de cunho messiânico. A perspectiva do narrador de *O Reino Encantado*, ao considerá-lo como um quilombo, destaca não somente o caráter subversivo da organização messiânica para o núcleo senhorial, mas também a necessidade de extingui-la com o intuito de reestabelecer a ordem local.

desencadeada por um messias – uma personagem divina ou histórica – somente quando os membros da seita cumprissem as ordens de seu líder (cf. QUEIROZ, 2003, p. 383).

Queiroz (2003) e Facó (2009) assinalam que, no Brasil, em especial na região Nordeste, os grandes movimentos de caráter messiânico advieram de uma organização social herdeira do período colonial, em que se presenciavam a exploração e o domínio de uma localidade e de sua população por grandes fazendeiros. Devido à inexistência e/ou ineficácia do Estado, os potentados proprietários rurais assumiram funções político-administrativas, judiciais e policiais. Diante desse poderio, a vida dos homens despojados do meio rural assemelhou-se à dos servos da Idade Média: “A classe dos pobres do campo (...) [n]ão tinha terra, nem outros bens, não tinha direitos, não tinha sequer deveres – além daqueles de servir ao senhor” (FACÓ, 2009, p. 33). A ansiedade pela posse da terra e a crença na possibilidade de melhoria de vida refletiram-se, pois, na ideologia religiosa. Nesse contexto, não raros foram os casos em que padres e beatos transformaram-se em líderes messiânicos.

No movimento ficcionalizado por Araripe Júnior, o sebastianismo de Pedra do Reino, ocorrido entre 1836 e 1838 na comarca de Flores, Pernambuco, o messias esperado era o rei português D. Sebastião, que desaparecera na batalha de Alcácer-Quibir, na África, em 1578. Daí, a lenda, depois transformada em seita, de que *el-rei* voltaria, trazendo riqueza para seu povo. A crença na ressurreição do rei chegou a terras brasileiras durante a colonização (cf. QUEIROZ, 2003, p. 218) e recebeu influências de tradições indígenas e africanas, como a ingestão de bebidas com propriedades alucinógenas durante seus rituais. João Ferreira, um dos líderes da seita, pregava que o reino somente surgiria quando ele se casasse com Maria, como se lia num folheto que trazia às mãos: “Quando João casasse com Maria/Aquele reino se desencantaria...” (LEITE, 1898, p. 25). Para agilizar a revelação do reino encantado, dizia serem necessários sacrifícios humanos voluntários, que ocorreram durante sanguinolentos rituais místicos (cf. LEITE, 1898). O líder sebastianista declarava ainda que o retorno de D. Sebastião ocasionaria, definitivamente, a subversão da ordem social: a riqueza dos senhores de terra seria redistribuída entre os pobres e, se as pessoas fossem negras e/ou escravas, tornar-se-iam “alvas como a lua, imortais, ricas e poderosas” (LEITE, 1898, p. 45). A profecia obteve grande aceitação entre a população local e resultou na morte de mais de cinquenta pessoas.

D. Sebastião, ao ser reconhecido como o único monarca legítimo e como o enviado divino, adquiriu não apenas *status* sagrado, mas representou as reivindicações sociais pregadas pela seita, como o direito à liberdade e à posse de terras. Nesse contexto, os seguidores do sebastianismo tornaram-se ameaça à Igreja, ao Estado e à elite local, que extinguiram, violentamente, o movimento. Dessa forma, as classes dominantes encararam os sebastianistas

como “fanáticos, isto é, insubmissos religiosos extremados e agressivos” (FACÓ, 2009, p. 9). Prova disso é o modo como os jornais da época noticiaram a desarticulação da seita, cujos membros foram descritos como “[m]alvados feiticeiros absolutistas” (O D. SEBASTIÃO..., 1838, p. 61), loucos, ignorantes e supersticiosos, pregando supostamente o estabelecimento de uma absolutismo monárquico³. Em carta publicada no *Diário de Pernambuco*, a 16 de junho de 1838, o prefeito de Pajeú, Flores, antiga comarca onde se deram os fatos de Pedra Bonita, descreve estes como “o caso mais extraordinário e mais terrível e cruel, nunca visto e quase incapaz de acreditar-se” (PAZ, 1838, p. 2) e caracteriza o líder messiânico João Ferreira como um “homem hostil, péssimo e esquisito, [...] lobo”, um “sanguinário tigre” (PAZ, 1838, p. 2).

O periódico *O carapuceiro*, reconhecido por sua veia satírica e crítica, em matéria publicada a 20 de junho de 1838, compara o movimento de Pedra do Reino às narrativas de *Amadis de Gaula* e *Dom Quixote*, ridicularizando o caráter fantasioso e implausível do sebastianismo nordestino em pleno século XIX e, por consequência, escarnecendo de seus seguidores. Para o redator anônimo do texto, os líderes da seita seriam loucos: “Rei[s] dos tolos; apenas mereceria[m] o riso da compaixão” (O NOVO REINO..., 1838, p. 2). Conforme se acreditava à época, tratar-se-ia de uma população bárbara, distante da civilização e da razão existentes apenas em pouquíssimas cidades brasileiras, como informa o autor logo em seguida:

Não nos cegue o amor próprio, nem nos iludamos a respeito do nosso país. A cultura intelectual, a indústria, a civilização do Brasil limitam-se às capitais do seu litoral, e a uma ou outra vila mais considerável do interior. Neste, à exceção de alguns homens, que comunicam diretamente com as cidades, tudo o mais vive na mais crassa ignorância, e o que mais é no lodaçal dos vícios mais imundos. O contínuo trato com a escravaria tem inoculado na nossa população hábitos grosseiros, um predomínio selvagem, e uma vida licenciosa, que muito tem corrompido a moralidade (O NOVO REINO..., 1838, p. 3).

O Brasil encontra-se, pois, cindido entre duas nações: a do litoral, que desejava se desenvolver consoante os preceitos europeus, e a do interior, que, com sua população mestiça, dita ignorante, atrasada e inculta, impossibilitaria a ascensão do país. Nesse contexto, os membros do movimento messiânico de Pedra Bonita simbolizavam a mácula suprema que as elites intelectual, econômica e religiosa desejavam extinguir para propiciar o desenvolvimento do país. Não por acaso, eles foram tachados de “feiticeiros” que agiam contra a verdadeira

³À época dos eventos de Pedra do Reino, o Brasil passava por um conturbado momento político – o Período Regencial (1831-1840) –, o que afervorava a discussão sobre qual seria o regime mais adequado para dirigir o país. Diante do contexto, os sebastianistas foram erroneamente encarados, muitas vezes, como defensores da monarquia absolutista. Eles não defendiam, porém, uma forma de governo para o país, mas acreditavam no retorno de D. Sebastião e na consequente inversão dos papéis sociais.

religião de Cristo, de homens imersos em vícios ímpios, de pessoas corrompidas por hábitos selvagens e grosseiros dos escravos negros, considerados inferiores pela ciência da época. Os sebastianistas seriam um dos impedimentos para o futuro da nação e, portanto, um dos representantes do atraso e da barbárie supostos pela elite litorânea. Afinado com tais pensamentos, o narrador do romance *O Reino Encantado* utiliza-se de estratégias literárias da poética gótica para ficcionalizar a tragédia de Pedra do Reino, transmitindo não apenas horrores e terrores da sociedade brasileira perante tal fato, mas também pressupostos científicistas que explicariam o desenrolar do movimento messiânico.

De grande repercussão e violência, os acontecimentos de Pedra Bonita foram, pois, temas de diversos estudos, entre os quais se destaca o opúsculo *Fanatismo Religioso: Memória sobre o Reino Encantado na Comarca de Vila Bela* (1875), de Antônio Ático de Souza Leite, considerado obra de referência sobre o assunto. Compartilhando das premissas deterministas em voga na sociedade científica da época, Leite enfatiza, pejorativamente, o perfil psicológico dos sertanejos sebastianistas: sua natureza ignorante os tornaria propícios à manifestação de loucura e à crença em fantasias profanas. O memorial apresenta ainda um recorrente repúdio a tudo que se relaciona a indígenas e a africanos: ao se referir aos líderes dos sebastianistas, por exemplo, destaca sua origem étnica, acrescentando designações pejorativas, tais como “embusteiro”, “sagaz” e “manhoso” (LEITE, 1898, p. 25), ao passo que suas práticas são “engenhosos embustes no meio das populações ignorantes” (LEITE, 1898, p. 27). No juízo crítico da obra, escrito por Tristão de Alencar Araripe, pai de Araripe Júnior, a premissa defendida ao longo de todo o opúsculo já se revela: o movimento de Pedra do Reino seria “fruto da ignorância agitada pela malevolência dos velhacos e perversos” (ARARIPE, 1898, p. 13), do “singular desvio da razão, e dos sentimentos humanos” (ARARIPE, 1898, p. 7).

A convicção determinista de que a psicologia dos nordestinos seria degenerada e sua natureza, propensa à loucura teve origem no século XIX e estendeu-se até meados do XX. Estudiosos afirmavam que o messianismo tinha suas causas em problemas psicológicos dos sertanejos. Gustavo Barroso, em *Almas de lama e aço* (1928), levanta justificativas de ordem patológica e geográfica, explicações claramente comprometidas com os pressupostos deterministas do século XIX. Nina Rodrigues, em sua obra póstuma *As coletividades anormais* (1939), discorre, no texto “A hecatombe de Pedra Bonita em Pernambuco”, escrito provavelmente em 1898 (cf. CLEMENTE, 2012, p. 72), que o messianismo ocorrido na comarca de Flores derivou de uma “epidemia vesânica de fundo religioso, que só uma completa ignorância da psicologia mórbida pode justificar” (RODRIGUES, 2006, p. 94). A partir da segunda metade do século XX, a maior parte da crítica refutou essa percepção. Rui Facó, em

Cangaceiros e fanáticos (1963), e Maria Isaura Pereira de Queiroz, em *O messianismo no Brasil e no mundo* (1965), delegaram às desigualdades sociais e econômicas e às condições climáticas do Nordeste a real causa desses movimentos sociais.

O livro de Araripe Júnior, escrito no final dos anos 1870, uma das décadas de maior efervescência intelectual no Brasil⁴, reserva, afinado com o determinismo oitocentista, um capítulo, “Explicações”, para esclarecer cientificamente o que se passava com os adeptos do sebastianismo. O narrador recorre aos pressupostos científicos europeus, sobretudo de Hippolyte Taine, para desenvolver como a raça, o meio e o tempo/contexto histórico influíram na população sebastianista, repercutindo seu universo de crenças, sofrimentos e esperanças. Ademais, os membros do movimento messiânico, principalmente seus guias, são descritos por meio de uma linguagem médico-psiquiátrica próxima à desenvolvida por Cesare Lombroso, para quem a prática criminosa seria consequência de condições biológicas: haveria, pois, indivíduos naturalmente predispostos ao crime. O fenômeno de Pedra do Reino foi considerado como “aberrações do espírito humano” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 85) resultantes de uma “loucura epidêmica” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 85). A disposição psicológica ao fanatismo não se justificaria apenas devido ao fato de os sebastianistas serem “criaturas brancas, sem instruções” (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 85), mas principalmente devido a neuroses e tendências naturais para doenças mentais e atitudes delituosas, agravadas pelo clima semiárido do sertão nordestino, consoante discorre o narrador:

Não são raros fatos semelhantes ao de Pedra Bonita e muito menos impossíveis em um clima tórrido, equatorial, onde a muita luz e a intensidade do calor produzem a irritação do sistema nervoso e na formação dos temperamentos propendem sempre para a exageração de certas funções mentais.

Não. Os deslumbramentos contínuos; a demasiada dilatação da alma abismam aí o homem no indefinível e maravilhoso. Surgem então (...) ao pobre sertanejo, ao escravo oprimido, ao mísero lavrador, desgraçadas atonias, desvairamentos cruéis que os perdem se não os acode o influxo de uma crença sólida (ARARIPE JÚNIOR, 1878, p. 85).

João Ferreira e os demais membros de Pedra Bonita seriam, portanto, vítimas de distúrbios psicológicos, de um delírio epidêmico, o que os levou a praticarem nefandas e sombrias ações. Ao sabor do discurso determinista, sua propensão natural a superstições e a

⁴A década de 70 do século XIX se notabilizou pela crítica à decadência do Império e pelo culto à ciência. Por certo, uma das características fundamentais do que, à época, denominou-se “nova geração”, foi a associação ao cientificismo e ao liberalismo europeus, como ao positivismo de Auguste Comte, ao determinismo de Hippolyte Taine, ao darwinismo social, ao spencerianismo e a seu corolário. A adesão a distintos pressupostos científicos europeus não expressou, de fato, uma submissão intelectual brasileira nem uma postura provinciana, mas teria sido aplicada de forma a ressignificar a tradição nacional e a orientar a ação política.

perversidades, acentuada pelo clima da região, seria justamente a causa dos horrores da narrativa de Araripe Júnior. Apesar de vítimas de suas condições psíquicas, o romance, ao enfatizar a crueldade e a insanidade dos ritos sebásticos, atribui-lhes aspectos de verdadeiros algozes góticos. *O Reino Encantado* confere, destarte, grande importância ao clima, ao meio e ao contexto histórico para a explicação dos truculentos eventos de Pedra do Reino, que encontraram, na poética gótica, o meio essencial para a descrição dos terrores e horrores praticados.

Dialogando, por conseguinte, com as ideias propagadas pela imprensa dos finais de 1830, que denunciava uma insubmissão dos sebastianistas ao Império, tachando-os de loucos, feiticeiros absolutistas, retrógrados etc., e com os pressupostos cientificistas difundidos essencialmente a partir da segunda metade do século XIX, *O Reino Encantado: crônica sebastianista* narra a tragédia de Pedra Bonita. As declarações pejorativas publicadas pelos jornais, que defendiam a posição das elites rural, clerical e imperial⁵, imprimiram em todo o país, principalmente nas capitais litorâneas, a ideia de que os sebastianistas da comarca de Flores seriam desvairados, nefandos e abomináveis, o que se percebe nas exposições do narrador de Araripe Júnior. A ciência oitocentista, por sua vez, corroborava com o discurso da imprensa, autenticando-o, o que transformava os membros do movimento de Pedra do Reino em autênticos inimigos da nação. Compôs-se, dessa forma, uma percepção essencialmente imoral, negativa e ameaçadora do movimento messiânico, que foi ficcionalizado, em *O Reino Encantado*, a partir de *topoi* góticos. Apesar de não haver dúvidas quanto à violência do movimento, aponta-se que o discurso hegemônico dos Oitocentos favoreceu a manifestação da poética gótica no livro do consagrado crítico literário.

Considerações finais

A ficcionalização do sebastianismo de Pedra Bonita por Araripe Júnior, ao enfatizar o aspecto extraordinário e fabuloso dos reais acontecimentos do movimento messiânico, utilizando-se de estratégias narrativas do Gótico para suscitar o medo como prazer estético, põe em questão a declaração de Lúcia Miguel Pereira de que nossa literatura “provém mais da

⁵ Para discussões mais aprofundadas sobre o prisma pelo qual os acontecimentos de Pedra Bonita foram estudados ao longo da história do Brasil, ver “O itinerário da Pedra do Reino na historiografia literária brasileira: entre a paráfrase e o esquecimento” (CLEMENTE, 2012, p. 25-87).

observação do que da imaginação (...). A julgar pela nossa literatura, somos um povo pouco imaginativo, e ainda menos dado a abstrações” (PEREIRA, 1988, p. 24-25).

Apesar de dialogar com a imprensa e com os pressupostos cientificistas do século XIX, o narrador d’*O Reino Encantado* não se limita a documentar o movimento messiânico ocorrido no final da década de 1830 em Pernambuco, mas se preocupa em contar uma trama que envolve decadência, crime e extrema violência, suscitando terror, horror e repulsa como efeitos estéticos. Semelhante a uma narrativa gótica, avesso aos efeitos da afeição ou dos prazeres nobres, inscrevendo repulsa, medo e aversão (cf. BOTTING, 2014, p. 2) aos sebastianistas consoante a perspectiva das elites clerical, imperial e rural do Brasil, o livro de Tristão de Alencar Araripe Júnior desvela ainda uma visão de mundo negativa e desiludida com a realidade do país dos Oitocentos.

REFERÊNCIAS

- ARARIPE, Tristão de Alencar. Carta. In: LEITE, Antônio Ático de Souza. *Fanatismo Religioso: Memória sobre o Reino Encantado na Comarca de Vila Bela*. 2. ed. Juiz de Fora: Tipografia Matoso, 1898. p. 7-14.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *O Reino Encantado: crônica sebastianista*. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1878.
- BARROS, Fernando Monteiro de. Do castelo à casa-grande: o “Gótico brasileiro”, em Gilberto Freyre. *Revista Soletas*, São Gonçalo, n. 27, jan./jun., 2014, p. 80-94.
- BARROSO, Gustavo. *Almas de lama e de aço*. São Paulo: Melhoramentos, 1928.
- BOTTING, Fred. *Gothic*. London: Routledge, 1996.
- _____. *Gothic*. 2. ed. London: Routledge, 2014.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)*. v. 1. São Paulo: Edusp, 1999.
- CASTRO, Hélder Brinate. Medo e regionalismos. In: FRANÇA, Julio (Org.). *Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. p. 127-149.
- CLEMENTE, Débora Cavalcantes de Moura. *Representações da história da Pedra do Reino no romance O Reino Encantado (1878), de Araripe Jr.* 2012. 253 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- ELLIS, Jay (Ed.). *Southern Gothic Literature (Critical Insights)*. Ipswich, Massachusetts: Salem Press; Amenia, NY: Grey House Publishing, 2013.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- FRANÇA, Julio. Introdução. In: _____. (Org.). *Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. p. 19-35.
- GROOM, Nick. *The Gothic; a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- GEIGER, Paulo (Org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- LEITE, Antônio Ático de Souza. *Fanatismo Religioso: Memória sobre o Reino Encantado na Comarca de Vila Bela*. 2. ed. Juiz de Fora: Tipografia Matoso, 1898.

- MEIRELES, Alexander. *O admirável mundo novo da república velha: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX*. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MENON, Maurício César. *Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira; de 1843 a 1932*. 2007. 216 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- NEIVA, Eduardo (Org.). *Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia*. São Paulo: Publifolha, 2013.
- O D. SEBASTIÃO dos Feiticeiros Absolutistas. *Bemtevi*, Maranhão, n. 16, p. 61, 22 ago. 1838.
- OLIVEIRA, Jefferson Donizeti de. *Um sussurro nas trevas: uma revisão da recepção crítica e literária de Noite na taverna de Álvares de Azevedo*. 2010. 187 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- O NOVO REINO do Rei João Antonio, e companhia. *O Carapuceiro*, n. 40, p. 2, 20 jun. 1838.
- PAZ, Francisco Barbosa Nogueira. Prefeitura da Comarca de Flores. *Diário de Pernambuco*, Recife, n. 129, p. 2, 16 jun. 1838.
- PEIXOTO, Afrânio. A originalidade de Álvares de Azevedo. *Revista Nova*, São Paulo, ano I, n. 3, 15 set. 1931, p. 355-374.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- POLESE, Edna da Silva. Movimentos messiânicos e sebastianistas na produção ficcional – as nuances do mito. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 16, n. 19, jul./dez. 2014, p. 1-15.
- PUNTER, David. *The literature of terror: a history of gothic fictions from 1765 to the present day*. v. 1 e 2. London: Longman, 1996.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no mundo*. 3. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 2003.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.
- SÁ, Daniel Serravalle. *Gótico Tropical; o sublime e o demoníaco em O Guarani*. Salvador: Edufba, 2010.
- SENA, Marina Faria. *O Gótico-Naturalismo na literatura brasileira oitocentista*. 2017. 99 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da literatura e literatura comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- STEVENS, David. *The Gothic Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Sentidos do demoníaco em José de Alencar. *Ilha do Desterro*, v. 62, 2012, p. 271-292.
- WEINHARDT, Marilene. Os Jagunços ou os tortuosos caminhos da nacionalidade. *Revista Letras*, Curitiba, v. 39, 1990, p. 47-62.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.

Artigo aceito em maio de 2018.